

EXPERIÊNCIA POÉTICA, CONTEMPORANEIDADES E RESGATE DA POESIA EM LÍNGUA D’OC

Jean-Luc Pouliquen

Entrevista concedida a Gaspar Paz.

“Viver antes de escrever. Mergulhar profundamente na poesia, com o desejo de deixar estilhaços sobre a página” (Pouliquen, p. 122). Eis a verve poética revelada pelo poeta francês Jean-Luc Pouliquen, que desde cedo se pôs a viajar no movimento das palavras, imagens, ações, sonoridades e sentidos. É nessa construção vivida que o escritor encontra a mistura dos materiais e culturas que tecem seus poemas. Marcado pela estética surrealista e pela geração *Beat*, Pouliquen se deixa invadir pelas linguagens artísticas contemporâneas e escreve “em travelling, com zoom, no contra-plano” (idem, p.76) apreendendo também as memórias indelévels da tradição dos poetas de língua d’Oc, da escola de Rochefort e da filosofia de Gaston Bachelard, cujas obras ele resgata em excelentes edições. Com formação em ciências políticas, atuante na crítica literária, nosso autor transita também pelo terreno musical. É com essa bagagem e astúcia crítica que ele expõe suas opiniões sobre poesia, filosofia, música, cultura, educação, variedades e política, numa entrevista envolvente.

Gaspar Paz: *Você poderia falar um pouco de seu itinerário de formação, experiências vividas, influências literárias e filosóficas?*

Jean-Luc Pouliquen: Sua questão é vasta e leva em conta vários elementos de minha trajetória: uma infância e uma adolescência no Mediterrâneo, uma família de convicções cristãs, em seguida minha chegada à Versaillles, os estudos de gestão e, posteriormente, de sociologia, a frequentação da revista *Esprit* em Paris, uma passagem pela África, o encontro com Jean Bouhier e os poetas da Escola de Rochefort e mais tarde os poetas de língua d'Oc. Precisaria acrescentar ainda o que se passou em relação à obra de Gaston Bachelard, que em parte é ligado ao Brasil. Veja, a lista é longa.

G. P.: *Realmente é uma trajetória sui generis. Chamou-me atenção o deslocamento pelas diferentes regiões (da França mediterrânea até Paris, passando pela África e o Brasil) e pelos diferentes acentos linguísticos e culturais. Começemos então pelo Mediterrâneo. Como foi essa vivência?*

J-L. P.: Eu nasci na cidade de Toulon, grande porto militar da França no Mediterrâneo. Há pouco soube que Lucio Costa, o urbanista brasileiro que projetou Brasília, também nasceu lá. Foi em Toulon que meus pais passaram sua infância e se conheceram. Meu avô paterno de origem bretã veio para servir na marinha. O pai de minha mãe, de origem corsa, serviu no exército. A civilização mediterrânea é, sobretudo, matriarcal. A Córsega, essa ilha outrora anexada à República de Gênova, pátria de Napoleão, sempre manifestou fortemente sua identidade e particularidade. Ser originário dessa região é mergulhar profundamente suas raízes na alma mediterrânea. Raízes tão indelévels que depois dos anos de nomadismo desejei também viver na beira do Mediterrâneo.

G. P.: *Gostaria de saber mais sobre suas im-*

pressões sobre o Mediterrâneo. Para mim a brisa mediterrânea sopra sobretudo mediante a filosofia. Uma filosofia, notadamente, que traça uma história cultural e política heterogênea. Digamos que há certa circulação de informações e saberes interessantíssima. Recordo-me aqui das interpretações de um Winckelmann ou então quando as distâncias se alargam no mundo contemporâneo, da provocação de Fernando Pessoa em um de seus poemas: “que o mar com fim será grego ou romano... o mar sem fim é português”. Além disso, acho de uma extrema criatividade a leitura cômica do filme Mediterrâneo de Gabriele Salvatore. Fale-me então um pouco mais de sua vivência inicial em relação à cena mediterrânea atual.

J-L. P.: Sua percepção do Mediterrâneo me interessa. Ela me remete ao que sinto a respeito do Brasil a partir da França. O que se pode perceber de uma realidade longínqua? Certamente, esses são contornos proeminentes que uma imersão cotidiana faz esquecer. Eu me dou conta através de sua questão que o Mediterrâneo, ou antes, “os Mediterrâneos” – porque penso que eles são vários – são a obra de minha vida de todos os dias. Primeiro, posso perceber essas águas azuis na paisagem com sua vegetação de pinheiros, de loureiros rosa, de ciprestes, de oliveiras, essas essências múltiplas que são para mim um signo de identificação. Em Hyères, onde moro, se encontra o Sítio Arqueológico de Olbia, antigo (território) grego, fundado pelos *Phocéens* no século V a.c. Ele foi em seguida transformado pelos romanos. Minha casa projeta-se sobre uma colina de onde se vê ainda os contornos de um castelo feudal que acolheu o rei Saint-Louis no retorno da sétima cruzada em 1254. Meu bairro se chamava “pequena Itália”, por causa dos *Piémontais* que lá se instalaram. A velha cidade é agora habitada principalmente por uma população vinda da Argélia, do Marrocos e da Tunísia. Esse Mediterrâneo faz um elo

com aquele de minha infância: os mesmos lugares, o mesmo cenário, que me esforço em manter presentes em mim, a fim de permanecer fiel a esse período feliz de minha vida.

G. P.: *Observo em seu discurso, algo que me parece bem particular dessa região do Mediterrâneo: uma espécie de vida contemplativa. Para os gregos é desse contemplar que emerge o motor da filosofia e do teatro. Foi o Gerd Bornheim quem sublinhou que teoria e teatro têm a mesma raiz homérica que é posta a partir do “ver com atenção”. Eles inventaram ainda, segundo ele, o anfiteatro e a sala de aula. O que me faz pensar na relação poética da Paidéia ou o sentido da educação para os povos do Mediterrâneo. Por isso, gostaria de saber sua impressão sobre a poesia que advém de uma cultura tão diversificada. Interessa-me especialmente a relação que se estabelece a partir da musicalidade poética. Esses diferentes ritmos, acentos e modalismos que transitam na música e na poesia. Nesse sentido, seria interessante que você comentasse um pouco sobre os poetas de língua d’Oc e também os poetas da Escola de Rochefort que você resgata nas publicações: Fortune du poète (avec Jean Bouhier) e Entre Gascogne et Provence (avec Serge Bec et Bernard Manciet).*

J-L P.: No ano passado, durante uma viagem pela Sicília, tive o prazer de observar muitas semelhanças entre as paisagens que visitara e aquelas da Provence onde moro. Assim, me senti como pertencente à grande Grécia. Para perseguir o sentido de sua observação, a cidade de Agrigento na Sicília, foi pátria de um filósofo, Empédocles, e alguns séculos mais tarde de um dramaturgo, Pirandelo. Apesar de colonizada pelos gregos desde o século VI a.c., minha terra natal foi antes herdeira da província romana transalpina denominada *Provincia Romana* de onde advém seu nome atual. Portanto, é nessa direção que buscarei as explicações para a mu-

sicalidade que você encontra na minha poesia.

G. P.: *Você poderia desenvolver?*

J-L P.: Antes de se falar francês, usava-se na Provence, uma língua derivada do latim que se chamava: provençal. Ela é aliás um pouco falada hoje em dia. Essa língua é cantante, banhada de sol, e os habitantes da Provence carregam toda essa musicalidade e esse colorido, quando se exprimem em francês

G. P.: *Qual é a diferença entre o provençal e a língua d’Oc?*

J-L P.: Chego assim em sua questão sobre meu livro *Entre Gascogne et Provence*. Ele tem como sub-título: *Itinerário em letras d’Oc*. O provençal é tão-somente uma variante da língua d’Oc que se falava antigamente em toda a parte sul da França, dos Alpes aos Pirineus, do Mediterrâneo até o Atlântico. Através desse livro e das respostas de dois poetas situados em duas extremidades desse território de língua d’Oc, eu quis fazer o balanço de uma cultura milenar.

G. P.: *E sempre viva?*

J-L P.: Sim, bem viva! Ambos os poetas que interroguei têm uma obra em língua d’Oc, de realização profícua e de porte universal;

G. P.: *E os poetas da Escola de Rochefort?*

J-L P.: Poderíamos encontrar numerosas semelhanças entre os poetas de língua d’Oc e os poetas da Escola de Rochefort. Esses últimos escrevem em francês e pertencem a parte oeste da França. Pode-se falar aqui também a propósito da Escola do Loire. Como os poetas de língua d’Oc, eles desenvolveram sua poesia longe de Paris, em grande proximidade com a natureza. Eles também são ligados ao ritmo e aos cantos. Isso aconteceu num contexto particular, da Segunda Guerra Mundial. Portanto, o mundo mergulhava no caos. Tratava-se para Jean Bouhier – o fundador da Escola de Rochefort – e seus amigos René Guy Cadou, Michel Manoll ou ainda Luc Bérimont, de beber na fonte fresca da

existência. Nesse sentido, tudo podia renascer!

G. P.: *Você poderia exemplificar com algum trecho poético essa relação das línguas (francês, Langue d’Oc, provençal)?*

J.L.P.: *Você me faz compartilhar esses versos, cuja música e as imagens me acompanham lá vão anos. Esses, por exemplo, são de René Guy Cadou: « qui entre par hasard dans la demeure d’un poète/ Ne sait pas que les meubles ont pouvoir sur lui/ Que chaque nœud du bois renferme d’avantage/ De cris d’oiseaux que tout le cœur de la forêt» (Aquele que entra por acaso na morada de um poeta/ Não sabe que os móveis têm poder sobre ele/ Que cada nó da madeira contém mais/ O grito dos pássaros que todo o coração da floresta) ou ainda esse do grande poeta occitan Jòrgi Reboul (1901-1993) que tive a chance de conhecer e de editar: «Anar luenh sempre/ sempre franchir la rega/ que barra aquesta arada/ e puei aqui durbir les mans/ pèr derrabar çò que s’abora» (Aller loin toujours/toujours franchir le sillon/ qui ferme ce labour/et là ouvrir les mains/pour saisir ce qui s’offre) (Ir longe sempre/ Sempre transpor o rastro/ que encerra esse labor/ e lá abrir as mãos/ para pegar o que se oferece). Há ainda esse trecho em provençal de Robert Allan (1927 -1998) que também editei nos *Cahiers de Garlaban* e no qual o surrealismo vegetal não é tão afastado do lirismo verde dos poetas da Escola de Rochefort: «Se la fueio es moun amigo/ Digo-me pèrqué m’escond/ Pèrqué m’es pas clarinello?/ Digo-me lou vènt/ La fai pas canta pèr iéu/ Se m’es uno amigo lindo?» (Si la feuille est mon amie/ Dis-moi pourquoi elle me cache/Pourquoi ne m’est-elle pas transparente?/Dis-moi aussi pourquoi le vent/ Ne la fait pas chanter pour moi/Si elle est mon amie limpide?) (Se a folha é minha amiga/ Diga-me por que ela me esconde/ Por que ela não me é transparente?/ Diga-me também por que o vento/ Não a faz cantar por mim/ Se ela é minha amiga límpida?).*

G. P.: *Ao mesmo tempo em que resgata essas culturas mais próximas da natureza, em sua passagem por Paris, você descobre o surrealismo, o cinema e a literatura estrangeira. Como você absorveu tais experiências?*

J.L.P. : *Seria absurdo opor a natureza à cidade. Ambas pertencem à realidade que nos rodeia e na qual o poeta vai tirar sua inspiração. Suponho que você faça aqui uma alusão ao meu livro sobre a *Goutte d’Or*, bairro pobre de Paris, bairro de imigração, primeiro contato com a França para muitos estrangeiros em situação difícil. Eu o abordei como um *terroir*, uma região urbana, da mesma maneira que havia abordado o território occitan. Quer dizer que procurei mostrar a especificidade e as riquezas culturais. A *Goutte d’Or* situa-se ao pé de Montmartre, esse *foyer* da criação artística, particularmente ativo desde o fim do século XIX. Nessa periferia viveram muitas personalidades que fazem parte da história cultural da França e do mundo. Penso em François Truffaut, um cineasta que me é caro. Foi lá que ele fez sua educação sentimental e situou o ambiente de muitos de seus filmes que são referências. O número 42 da rua Fontaine, onde André Breton viveu até sua morte em 1966 não é longe também. Veja, há percursos na cidade que são tão inspiradores como um belo passeio na natureza.*

G. P.: *Você mencionou sua relação com a poesia surrealista e com os poetas de Langue d’Oc. Poderia falar um pouco da atualidade da poesia na França? Como você vê o cenário da geração de escritores atualmente?*

J.L.P. : *Para mim é realmente muito difícil falar da poesia francesa contemporânea. No momento em que escrevo, acho que ela perdeu sua capacidade de atingir e mexer profundamente com essa parte do ser humano que faz sua grandeza e sua nobreza. Ela está abismada num olhar narcísico do « eu ». Nos anos 80, se*

emplementou um sistema de auxílio público visando ajudar os poetas. Esse sistema está se fechando sobre eles. As casas de poesia são administradas por associações de poetas que não têm mais nada a dizer e que não têm outros cuidados senão assegurar suas promoções mútuas. As bolsas e residências para escritores tornaram-se contra-produtivas, delas resultam somente obras mediócras. Não pode haver poesia do Estado. É claro que existem vozes fortes, mas elas são abafadas pelo sistema. Seria preciso esperar um pouco ainda até que elas se destaquem do conjunto.

G. P.: *O que você pensa da relação entre linguagens artísticas e a política?*

J.L.P. : A política, no sentido de arte de governar os homens e de usar o poder, não tem relação direta com a poesia. Machiavel não era um poeta. Por outro lado, as linguagens artísticas modificando as representações do mundo e as relações humanas, modificam o corpo social, fazendo com que os políticos as levem em consideração. Há discursos « revolucionários » expressos de maneira muito convencional e criações artísticas sem aparente alcance político, cuja linguagem é uma verdadeira contestação da ordem estabelecida. Na minha opinião, é antes de tudo sobre esse terreno que esperamos a atuação do artista, o que não o impede de assumir suas responsabilidades como cidadão do mundo.

G. P.: *Fale-me um pouco mais de suas impressões sobre a poesia e a música*

J.L.P. : Abordar esse assunto é para mim prestar homenagem à canção brasileira que soube realizar essa harmonia perfeita entre a escrita e a música. Inicialmente eu afirmava posições nas quais a poesia deveria ser suficiente por ela mesma, a musicalidade viria somente das palavras. Não renego essa concepção, continuo trabalhando meus textos de maneira que

expressem seu próprio canto. Por isso, leio em voz alta. Mas esse caminho poético não exclui a partir de então um outro, em que as palavras vão ao encontro da música. É um caminho diferente que obedece a outras regras, que necessita uma proximidade muito forte com o músico na elaboração do texto. Esse caminho contém tanta carga poética quanto o outro.

A seguir alguns poemas escolhidos de Jean -Luc Pouliquen:

Atravessando a ponte

Uma vida
nodosa como a casca
de uma velha figueira
faz estalar
a parede lisa de nossas angústias
Na outra margem
outros já passaram
abandonando suas máscaras
ao teatro das sombras

Viajo
no movimento das palavras

Cine Truffaut

Escrever em travelling
Com zoom
No contraplano
a infância indelével
e a fuga das horas
trazem à cena seu duplo

No jogo dos sentimentos
Com uma voz neutra
implorar o amor definitivo
mas fechar a grande-angular de seus olhos
em paixões
que não se dissipam

Fortuna do poeta

para Jean Bouhier

É preciso crer na vida
para abrir com as próprias mãos
as paredes do espaço

Cada palavra fraternal
acrescenta ao humus
as folhagens do coração

Eis que,
com os sopros do mar
se amplifica
o *allégre* dos poemas

Palavras

Palavras
em meio aos detritos
entulham a esperança

Palavras
entre o silêncio e o martelo
deixam marcas

Palavras
sobre a tela azul de teus desejos
para te fazer deslizar

Palavras
como a argila fresca
para modelar teu corpo

Je demande au Poète

Peço ao poeta
que liberte seu canto
das redes da razão
para ler no mar
o signo das origens

Peço ao poeta
essa imersão na tempestade
que deixa nas palavras
o odor das marés
e o reflexo do nácar

Peço ao poeta
que escreva num ímpeto
no sol da manhã
no infinito horizonte

Peço ao poeta
somente uma canção
quando a cidade fria
sequestrar a primavera

mas no céu
que seus dedos tocam
Busco respostas
que ele não pode me dar

(tradução, Gaspar Paz)

Principais publicações de Jean-Luc Pouliquen:

Le poète et le diplomate (com Wernfried Koeffler), Prólogo de Adolfo Pérez Esquivel, L'Harmattan, Paris, 2011.

Mémoire sans tain - Poésies 1982-2002, prefácio de François Dagognet, L'Harmattan, collection Poètes des cinq continents, Paris, 2009.

Soigner et penser au Brésil (com Ivan Frias), L'Harmattan, collection Questions contemporaines, Paris, 2009.

Un petit traité d'émerveillement, préface aux Lettres à Louis Guillaume de Gaston Bachelard, La Part Commune, 2009.

Gaston Bachelard ou le rêve des origines. L'Harmattan, collection Ouverture philosophique, Paris, 2007.

Entre Gascogne et Provence (com Serge Bec e Bernard Manciet), Edisud, Aix-en-Provence, 1994.

Fortune du poète (com Jean Bouhier, fundador da École de Rochefort), Le Dé bleu, Chaillésous-les-Ormeaux, 1988.